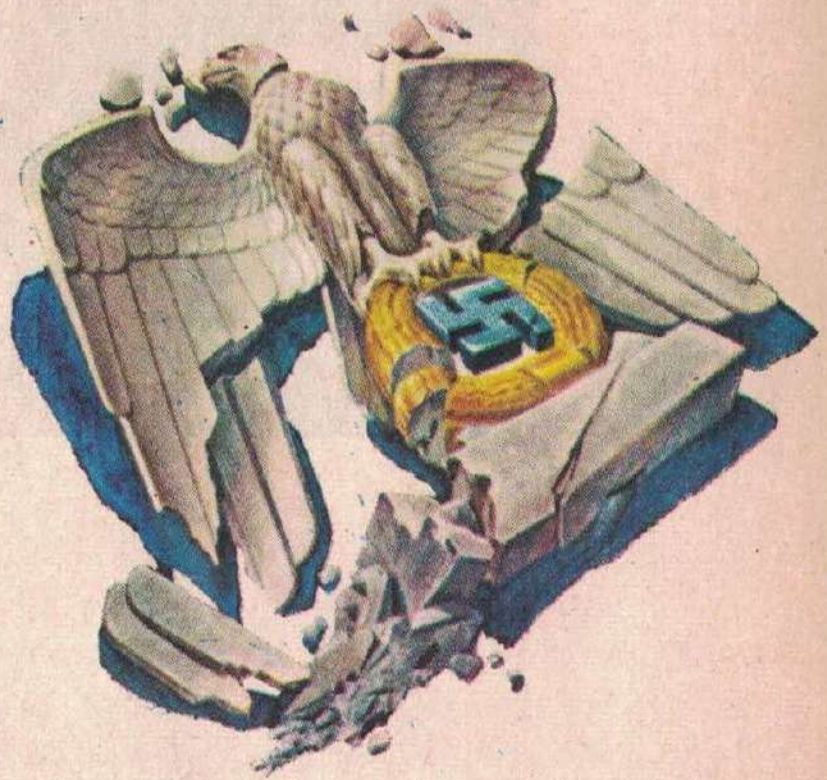


SEÇÃO
DE LIVROS

CONDENSAÇÃO
DO LIVRO
DE
CORNELIUS
RYAN



A Última Batalha



Quando os exércitos do Terceiro Reich, antes poderosos, começaram a fraquejar na primavera de 1945, continuava sem resposta uma importante pergunta: quem tomaria Berlim—os russos, prontos para atacar a leste, ou os exércitos anglo-americanos, que atravessavam a Alemanha com vertiginosa velocidade, vindos de oeste? Do resultado dependia a sorte de milhares de indivíduos, bem como o futuro de um continente.

Em Moscou, a resposta de Joseph Stalin foi característica: êle se empenhou numa série de intrigas—com os seus dois aliados e com seus próprios generais. Em Washington, Londres e nos estados-maiores militares anglo-americanos um profundo desacôrdo sôbre o problema ameaçava romper a textura da união ocidental. E enquanto os arquitetos da vitória lutavam para assentar suas diferenças, Berlim aguardava seu destino num estado de transe: embora seus generais soubessem que a situação era desesperada, Hitler e seus bajuladores continuavam a acreditar em sua louca alucinação de que o Reich podia ser defendido.

A Última Batalha, cuja preparação levou mais de três anos, é um digno sucessor do anterior sucesso de Cornelius Ryan na vívida recriação histórica, *O Dia Mais Longo da História*. Como sua descrição da invasão da Normandia, êste brilhante relato de homens e mulheres empolgados pelas correntes de poderosos acontecimentos fascinará os leitores da primeira à última página.

(Esta é a segunda de três partes.)

EM FILAS intermináveis os comboios de caminhões com suprimentos do Exército rodavam pelas estreitas ruas da cidade francesa, rumando para nordeste, na longa etapa até à frente ocidental. Reims, com sua grande catedral gótica de duas tôrres, era mais do que apenas outro pôsto de contrôle na estrada: nesse momento da guerra—quarta-feira, 28 de março de 1945—ela era talvez a cidade mais importante da Europa. Numa ruela perto da estação ferroviária, um prédio escolar quadrado, de tijolos vermelhos, servia de alojamento para o Quartel-General Supremo da Fôrça Expedicionária Aliada, o SHAEF.

Na sala de aula do segundo andar que usava como gabinete, Dwight D. Eisenhower trabalhara quase sem parar o dia inteiro. A sala era pequena e sôbriamente mobiliada: das duas janelas pendiam cortinas de escurecimento. Na mesa havia dois telefones prêtos, um dêles um aparelho especial para conversas “baralhadas” com Washington e Londres. Às 7h 45m da manhã êle lera o telegrama do Marechal-de-Campo Montgomery solicitando aprovação para uma arremetida rápida sôbre o Elba e Berlim. E agora Eisenhower tomava sua decisão sôbre a estratégia que seguiria até ao término da guerra.

Investida Simples *Versus* Frente Ampla

MESES antes a missão do Supremo Comandante fôra determinada pelo Estado-Maior Misto em uma frase:

“O senhor entrará no continente europeu e, em conjugação com as outras Nações Unidas, empreenderá ações visando o coração da Alemanha e à destruição de suas fôrças armadas.” Eisen-

hower levava a cabo brilhantemente esta diretriz, fundindo os soldados de mais de uma dúzia de nações na mais impressionante fôrça da História.

Seus exércitos haviam sido catapultados através do Reno em 21 dias, irrompendo no coração da Alemanha muito antes da previsão. Mas a rapidez dêses avanços colocava agora o Supremo Comandante diante de uma série de complexas decisões de comando. Eisenhower tinha de ajustar seus planos para fazer face à nova situação. Isso implicava alterar e redefinir as missões de alguns exércitos, em particular do 21.º Grupo de Exércitos de Montgomery. E a última mensagem dêste deixava claro que existiam ainda vitais diferenças de opinião entre os dois homens.

Durante meses, Montgomery e seu superior, o Chefe do Imperial Estado-Maior Geral britânico Ma-



rechal-de-Campo Sir Alan Brooke, propugnaram por uma estratégia específica: uma rápida investida simples contra o coração da Alemanha. Quase imediatamente depois da queda de Paris, Montgomery tinha apresentado seu plano a Eisenhower: "Atingimos agora uma fase em que uma investida realmente poderosa contra Berlim poderá permitir-nos chegar lá e dêsse modo acabar com a guerra da Alemanha." Expondo seu plano, êle raciocinou que as fôrças anglo-americanas careciam das possibilidades de suprimento para duas investidas lado a lado contra a Alemanha. A seu ver só poderia haver uma—a dêle—e ela necessitaria de "todos os recursos de manutenção, sem restrições". Outras operações teriam de ir-se agüentando com apoio logístico que sobrasse.

O plano era audaciosamente imaginoso. Mas havia nêle um elemento de jôgo: podia terminar numa vitória rápida e decisiva—ou num desastre total. Para o Supremo Comandante, os riscos ultrapassavam de longe a possibilidade de sucesso. Êle achava que, "para sustentar uma possante investida pela Alemanha adentro", era indispensável primeiro abrir os portos do Havre e de Antuérpia. Sua estratégia era avançar em uma larga frente, transpor o Reno e apoderar-se do grande vale industrial do Ruhr, antes de correr em demanda do "grande prêmio".

Nos sete meses desde que surgira a controvérsia, Eisenhower não se

desviara de seu conceito estratégico. Nem Montgomery, que muitos ingleses consideravam o estrategista mais experimentado do teatro europeu, cessara de expressar suas opiniões sôbre como, onde e por quem a guerra devia ser ganha.

Nas águas dêsse desacôrdo recrutou-se uma antiga controvérsia, apoiada pela imprensa britânica: uma proposta para designar um "Comandante das Fôrças Terrestres", intercalado entre Eisenhower e seus grupos de exércitos. Ao intensificar-se essa campanha "promovam Montgomery", o General Omar Bradley estourou. Êle e o General George Patton declararam que em tal hipótese renunciariam aos seus comandos. Nunca houvera semelhante cisão no campo anglo-americano. O Supremo Comandante afinal considerou intolerável a situação, e para acabar com a questão enviou um telegrama a Washington, dizendo: "Ou eu ou Monty". Abalado e murcho, Montgomery enviou a Eisenhower um despacho absolutamente militar: "Qualquer que possa ser a sua decisão, pode contar 100% comigo", e assinava: "Seu muito dedicado subordinado, Monty." E assim o assunto ficou encerrado, pelo menos por algum tempo.

Hora da Decisão

ENTRETANTO, Montgomery continuava com suas vistas pòstas em Berlim. Em 27 de março, na ausência de qualquer decisão definida do Supremo Comandante, êle havia

anunciado a sua própria decisão numa mensagem a Eisenhower: "Hoje expedi ordens aos Comandantes de exércitos sobre operações para leste. . . . O meu quartel-general se deslocará para Wesel, Münster, Wiedenbrück, Herford, Hanôver e daí por auto-estrada para Berlim, espero."

Esse era o prolongamento lógico da estratégia convencional—o plano de Eisenhower para executar a investida principal pelo norte do Ruhr com o 21.º Grupo de Exércitos de Montgomery, aprovado pelo Estado-Maior Misto em janeiro. Mas, como Eisenhower via a situação agora, o método pelo qual ele poderia conseguir mais depressa a derrota militar da Alemanha mudara radicalmente.

Os êxitos imprevistos obtidos pelos exércitos de Bradley desde o começo de março, graças a boa sorte e brilhante comando, tinham produzido resultados impressionantes. Antes mesmo do assalto de Montgomery através do Reno, o 1.º Exército Norte-Americano capturara a ponte de Remagen e atravessara o rio. Mais para o sul, o 3.º Exército Norte-Americano de Patton atravessara quase sem obstáculo. Desde então, as forças de Bradley tinham avançado furiosamente. Suas façanhas entusiasmavam o público norte-americano, e Bradley e seus generais procuravam agora representar um papel mais importante na campanha final.

Antes de decidir qual o grupo que realizaria a maciça arremetida final

para leste, Eisenhower tinha de considerar uma série de fatores. Primeiramente, o Exército Vermelho: ele se achava apenas a 61 quilômetros de Berlim, sobre o Rio Óder, e estava-se agrupando havia mais de dois meses—enquanto as forças britânicas e americanas ainda estavam a mais de 300 quilômetros de distância. Deveriam as últimas, então, tentar alcançar a cidade? O Supremo Comandante relutava em entrar numa competição por Berlim com os russos. Isso poderia revelar-se não só embaraçoso para o que perdesse, mas também—no caso de um inesperado encontro entre os dois exércitos em avanço—catastrófico. Havia sido provocadas guerras por muito menos. Era evidente a necessidade de coordenar movimentos com os russos, e rapidamente.

Além disso, um problema tático pairava sobre Eisenhower como uma nuvem de trovão. Na grande sala de mapas próxima do gabinete dele, um mapa cuidadosamente coberto de informações mostrava o "Suposto Reduto Nacional", uma área de 52 000 quilômetros quadrados de terreno montanhoso ao sul de Munique, com o centro em Berchtesgaden e no abrigo de Hitler no cume das montanhas. O mapa assinalava depósitos de munições e de material de guerra química, pontos de concentração de tropas, posições fortificadas e até fábricas subterrâneas à prova de bombas.

Durante meses, haviam chegado continuamente informes sobre esse

Alpenfestung. Embora todos fôsem marcados "não confirmado", o General-de-Divisão inglês Kenneth W. D. Strong, Chefe de Informações do SHAEF, comentou: "O reduto talvez não esteja lá, mas devemos tomar precauções para evitar que esteja." Para enfrentar a ameaça, Bradley sugeriu que seu grupo de exército partisse a Alemanha em duas partes, avançando pelo meio. Isso "impediria as fôrças alemãs de recuarem para o reduto".

Enquanto os pareceres dos membros do SHAEF e dos comandantes de campo americanos se amontoavam no gabinete de Eisenhower, chegou uma importante mensagem de seu superior, o chefe do Estado-Maior dos E.U.A., General George Marshall. Expressava a preocupação com o Reduto Nacional e pedia a opinião de Eisenhower sôbre um avanço rápido para a frente "para evitar a formação de quaisquer áreas de resistência organizada". Marshall também pedia a opinião do Supremo Comandante sôbre medidas para estabelecer ligação com os russos. Sua mensagem, cuidadosamente redigida, consolidou finalmente os planos de Eisenhower, que começou a redigir três cabogramas.

O primeiro foi uma "mensagem pessoal para o Marechal Stalin", uma mensagem histórica e sem precedentes. Era o primeiro contato direto entre Moscou e o SHAEF.

"Minhas operações imediatas", dizia Eisenhower a Stalin, "destinam-se a cercar e destruir o inimigo que

defende o Ruhr. Calculo que esta fase terminará em fins de abril ou mesmo antes, e minha missão seguinte será dividir as remanescentes fôrças inimigas dando as mãos às suas fôrças. O melhor eixo onde efetuar essa junção seria Erfurt-Leipzig-Dresden. É ao longo dêsse eixo que tenciono exercer meu esforço principal.

Antes de decidir firmemente acêrca de meus planos, é da máxima importância coordená-los com os seus quanto à direção e ao tempo. Poderá dizer-me as suas intenções e até onde as propostas esboçadas se conformam com sua ação provável?"

Em seguida, preparou telegramas para o General Marshall e para Montgomery. Em vez de fazer a investida principal pela parte setentrional da Alemanha, consoante se considerara inicialmente, Eisenhower resolvera atacar diretamente pelo centro do país. O 9.º Exército Norte-Americano voltava do comando de Montgomery para o de Bradley. Bradley teria agora o papel principal. Depois de varrer o Ruhr, êle desencadearia a última ofensiva, visando a colocar suas fôrças na região de Dresden, cêrca de 150 quilômetros ao sul de Berlim.

Em todos os três telegramas de Eisenhower houve uma omissão significativa: não se mencionou Berlim.

O Bom Senso Deixa o Comando Alemão

DESDE que assumira, uma semana antes, o comando do Grupo de Exér-

citados do Vístula, da Alemanha, o Coronel-General Gotthard Heinrici estivera em constante deslocamento, traçando a estratégia com seus comandantes de divisões, visitando os soldados nos abrigos e casamatas. Os informantes indicavam que os russos talvez tivessem três milhões de homens. Heinrici tinha aproximadamente 300 000, a maioria deles sem experiência de combate: as unidades haviam sido aumentadas com fragalhos de outras tropas e os remanescentes das outrora briosas divisões há muito destruídas. Ele era ainda mais manietado pela desesperada escassez de equipamento e suprimentos.

Fôssem quais fôssem os sentimentos pessoais dele, para seus oficiais e praças ele era o intemorato, o inquebrantável, o lendário Heinrici, o homem cujo exército agüentara a longa e dolorosa retirada de Moscou, freqüentemente em inferioridade de 1 para 12. Fiel a seu caráter, continuava combatendo a "loucura e insensatez" do comando superior. Um desesperado esforço para abrir caminho e chegar até aos defensores de Küstrin, a cidade cercada pelos russos, revelara-se desastroso. Mas, a despeito dos protestos de Heinrici, foi ordenado outro ataque contra Küstrin—desbaratado pelo fogo de artilharia russa.

No dia seguinte a raiva de Heinrici ainda não tinha abrandado. Enquanto aguardava que completassem uma ligação telefônica para Zossen, andava de um lado para o outro em

seu gabinete murmurando: "Fiasco! Perdas incríveis para nada, absolutamente nada!" O telefone tocou. O rosto de Heinrici endureceu enquanto escutava. Abruptamente colocou o fone no gancho e disse serenamente para o seu atônito estado-maior:

—Guderian não é mais chefe do OKH (Alto Comando Alemão). Hitler dispensou-o do comando esta tarde.

A demissão do general Heinz Guderian sucedera a uma das cenas mais violentas a que já se assistira na Chancelaria do Reich. Em sua conferência do meio-dia, o Führer, procurando um bode-expiatório para o insucesso do ataque contra Küstrin, xingara os comandantes envolvidos no caso, as tropas, Guderian e todo o Alto Comando. De repente Guderian estourou.

—Tolice!—vociferou.—Isso é tolice!

Encarando-se incapazes de qualquer discussão razoável, Guderian e Hitler empenharam-se numa troca de palavras tão furiosas e terrível que os oficiais e auxiliares ficaram paralisados pelo choque. Hitler, invectivando o Estado-Maior Geral, chamou seus membros de "invertebrados", "idiotas" e "estúpidos". Eles o haviam constantemente "enganado", "informado mal" e "ludibriado". Guderian impugnou o uso dessas palavras. Havia o General Gehlen em seu estudo das informações, que Hitler chamara de lixo, "enganado" quando alertara sô-

bre os efetivos maciços dos russos?

—Não!—rugiu Guderian.

Finalmente um horrorizado oficial do estado-maior agarrou Guderian e puxou-o para o lado, enquanto outros dispensavam cuidados a Hitler, que caíra prostrado numa poltrona. Com dificuldade, Guderian foi persuadido a sair da sala. Quando voltou, 15 minutos depois, Hitler estava dirigindo a conferência como se nada tivesse ocorrido. E disse friamente:

—Coronel-General Guderian, sua saúde física exige que tire imediatamente seis semanas de licença para convalescença.

O último dos grandes generais de Hitler partiu; com êle foram-se os últimos vestígios de bom senso no Alto Comando Alemão. Agora não haveria o franco Guderian para apoiar Heinrici quando fôsse encontrar-se com Hitler para debater os problemas na frente do Óder. Êle devia encontrar-se com o Führer em uma conferência decisiva a 4 de abril, quarta-feira.

Início de um Acrimonioso Debate

ERA Sexta-feira Santa, 30 de março, o início do fim-de-semana da Páscoa. O Presidente Roosevelt chegara para passar uma temporada em Warm Springs, na Geórgia, e as multidões esperavam sob sol ardente para saudá-lo. Ao aparecimento do Presidente, um murmúrio de surpresa percorreu os espectadores. Êle estava sendo carregado do trem nos

braços de um agente do Serviço Secreto, quase inerte, o corpo caído. Não houve o aceno alegre, nem a piada bem-humorada—para muitos, Roosevelt parecia quase em estado de coma, só vagamente consciente do que se passava. Consternado, o povo viu em silêncio a limusine presidencial afastar-se lentamente.

Em Londres, Winston Churchill, com o charuto espetado na bôca, acenou para os espectadores quando se preparava para partir para Chequers, sua residência de campo oficial de 280 hectares. Apesar de sua alegre aparência, Churchill estava preocupado, zangado. Entre seus papéis havia uma cópia do "SCAF 252", o telegrama de Eisenhower para Stalin. Pela primeira vez em quase três anos de colaboração íntima, o o Primeiro-Ministro estava furioso com o General. Segundo êsse nôvo plano, êle acreditava que as fôrças britânicas "talvez fôssem condenadas a um papel quase estático no Norte". E êle era atormentado pelo perigo implícito em "negligenciar Berlim e deixá-la para os russos". Corriam os telegramas para um lado e para o outro entre os principais chefes militares em Londres, Washington e o SHAEF, enquanto um debate virulento se estabelecia em tórno do SCAF 252.

Foi um período crítico. Churchill não sabia da gravidade da doença de Roosevelt, mas havia algum tempo que andava perplexo e inquieto por causa de sua correspondência com o Presidente. Mais tarde disse:

“Em meus extensos telegramas pensei que estivesse falando com meu fiel amigo e colega, mas já não estava mais sendo completamente ouvido por êle. Aquelas foram semanas dispendiosas para todos.”

Mais inquietante ainda era a rápida deterioração política entre o Ocidente e a Rússia. As suspeitas de Churchill acêrca dos objetivos de Stalin para depois da guerra haviam aumentado constantemente desde que os Três Grandes se reuniram em Ialta em fevereiro. O Primeiro-Ministro soviético desdenhosamente desprezara as promessas ali feitas; quase todo dia, agora, apareciam novas e sinistras tendências. A Europa Oriental estava sendo lentamente engolida pela U.R.S.S.; os bombardeiros anglo-americanos caídos atrás das linhas do Exército Vermelho, devido a problemas mecânicos ou de combustível, estavam sendo internados com suas guarnições; as bases aéreas e comodidades prometidas por Stalin para serem usadas pelos bombardeiros americanos tinham sido repentinamente negadas; os russos, autorizados a entrar livremente nos campos de prisioneiros de guerra da Alemanha Ocidental para a repatriação de seus soldados, recusavam permissão similar a representantes ocidentais para entrar, evacuar ou auxiliar soldados anglo-americanos em campos da Europa Oriental. Pior ainda, Stalin fizera acusações dizendo que “ex-prisioneiros de guerra soviéticos em campos norte-americanos eram sujeitos a tratamen-

to injusto e processos ilegais, inclusive espancamentos”.

Enquanto isso, em Reims, o apouquentado Eisenhower continuava respondendo a telegramas e reexplorando sua posição. “Sempre insisti em que o ataque pelo norte deveria ser o esforço principal para o isolamento do Ruhr”, telegrafou êle para Marshall, “mas logo desde o princípio meu plano foi ligar os esforços primário e secundário e, a seguir, efetuar uma grande investida para leste. Permitam-me assinalar que Berlim pròpriamente dita não é mais um objetivo particularmente importante. Sua utilidade para os alemães foi em grande parte destruída e até seu govêrno se está preparando para mudar-se para outra região.”

Mas Churchill escrevia um apêlo histórico que era a antítese dessas palavras. Telegrafou êle: “Se a posição do inimigo se enfraquecer, conforme evidentemente você espera, porque não deveríamos transpor o Elba e avançar para o leste tanto quanto possível? Isto terá uma importante repercussão política, pois parece certo que o Exército Russo entrará em Viena e invadirá a Áustria. Se deliberadamente lhes deixarmos Berlim, ainda que esta estivesse ao nosso alcance, o duplo acontecimento poderá robustecer-lhe a convicção, desde já visível, de que foram êles que fizeram tudo.

Ademais, eu pessoalmente não acho que Berlim tenha perdido seu significado militar e muito menos sua importância política. Enquanto

Berlim permanecer sob a bandeira alemã, não poderá, em minha opinião, deixar de ser o ponto mais decisivo da Alemanha.”

EM MOSCOU, ao cair da noite, um general norte-americano e um almirante britânico encontraram-se com o Primeiro-Ministro soviético e entregaram a mensagem de Eisenhower. A conferência foi rápida. Stalin “ficou impressionado com a orientação do ataque na Alemanha Central” e achou que “o esforço principal de Eisenhower era bom”. Achou também que os alemães “apresentariam” sua última resistência provavelmente na parte ocidental da Tchecoslováquia e na Baviera”. Prometeu responder à mensagem de Eisenhower dentro de 24 horas.

Momentos depois de suas visitas saírem, Stalin pegou no telefone e chamou os Marechais Zhukov e Koniev. Falou sucintamente: os dois comandantes deviam voar imediatamente para Moscou para uma conferência urgente no dia seguinte, Domingo de Páscoa. Stalin chegara à conclusão de que os aliados ocidentais mentiam: estava absolutamente certo de que Eisenhower planejava correr contra o Exército Vermelho para chegar antes a Berlim.

Homens sem Remorso

O vôo DE 1 500 quilômetros da frente ocidental até Moscou fôra longo e fatigante. O Marechal Georgi Zhukov vinha exausto em seu carro-comando cinzento quando en-

trou nas muralhas da fortaleza do Kremlin. Imediatamente atrás de Zhukov, em outro automóvel de turismo do Exército, vinha o Marechal Ivan Koniev. Momentos depois, os dois homens, de uniforme de côr parda bem talhados, com platinas cheias de dourados e ostentando a estrêla solitária de marechal-de-campo soviético, achavam-se no elevador, rumo ao gabinete de Stalin no segundo andar. Rodeados de ajudantes, os dois homens conversavam afavelmente. Um observador casual poderia imaginá-los amigos íntimos. Na verdade, eram rivais implacáveis.

Zhukov e Koniev, de 49 e 48 anos respectivamente, tinham atingido o ápice de sua profissão. Ambos eram implacáveis perfeccionistas. Zhukov, baixote, atarracado, de aparência branda, era idolatrado pelo público. Havia, porém, os que o olhavam como um monstro. Começara a carreira como soldado nos Dragões Imperiais do Czar, aderira aos revolucionários em 1917 e combatera ferozmente os antibolcheviques. Dotado de brilhante imaginação e dom para comandar, em 1941 elevara-se a Chefe do Estado-Maior Geral soviético. Conhecido como “soldado dos soldados”, tinha fama de tolerante com as praças. Desde que seus homens lutassem bem, êle considerava as prêsas de guerra como sua justa recompensa. Mas com comandantes graduados que não correspondessem às suas expectativas era um disciplinador severo.

Certa feita, durante a campanha

da Polônia em 1944, Zhukov estava de pé vendo as tropas do 65.º Exército avançarem. Olhando a cena através do binóculo, de repente gritou: "O Comandante do Corpo e o da 44.ª Divisão de Fuzileiros—batalhão penal!" A pedido de um subordinado, poupou o Comandante do Corpo de Exército, mas o segundo general transgressor foi imediatamente rebaixado, enviado para a linha de frente e mandado a comandar um ataque suicida. Foi morto quase instantaneamente. Zhukov, logo após, propôs o nome dêle para receber a mais alta condecoração militar russa, a de Herói da União Soviética.

O próprio Zhukov foi por três vezes seguidas Herói da União Soviética—seu arquiconcorrente, Koniev, apenas duas vezes. Mas ao passo que a fama de Zhukov se espalhou, Koniev permanecia praticamente desconhecido, e o anonimato amargurava-o. Era alto, ríspido e vigoroso, com uma carreira em alguns aspectos paralela à do outro. A soldadesca conhecia-o como um disciplinador rigoroso, mas, ao contrário de Zhukov, era atencioso com seus oficiais.

No campo de batalha, entretanto, podia ser bárbaro. Durante uma fase da campanha do Dnieper, depois que suas tropas cercaram diversas divisões alemãs, Koniev exigiu a rendição imediata. Quando os alemães recusaram, êle mandou seus cossacos armados de sabre atacar. "Deixamos os cossacos cortarem enquanto quiseram", comentou êle. "Chegavam

a decepar as mãos dos que as levantavam para se renderem." Neste pormenor pelo menos, Zhukov e Koniev estavam de acôrdo: não podiam perdoar as atrocidades nazistas. Com os alemães êles não tinham misericórdia nem remorsos.

A meio caminho do longo corredor do segundo andar atapetado de vermelho, os oficiais acompanhantes introduziram Zhukov e Koniev em uma sala de reuniões. Era uma sala de teto alto, estreita, quase tomada por uma extensa mesa de mogno envernizada, rodeada de cadeiras. Dois grandes lustres com claras lâmpadas transparentes reverberavam sôbre a mesa. Numa extremidade da sala, uma porta dupla levava ao gabinete particular de Stalin.

Dentro de alguns minutos os membros da Comissão de Defesa do Estado encheram a sala—os sete homens mais importantes depois de Stalin na U.R.S.S. Quando tomaram seus lugares, abriram-se as portas do gabinete do Primeiro-Ministro e a figura baixa e atarracada de Stalin apareceu.

Trajava simplesmente um uniforme côm de mostarda, sem platinas nem insígnia de pôsto; tinha as calças enfiadas em botas pretas e macias até a altura do joelho. Perdeu pouco tempo com formalidades, mas indagou de Zhukov e Koniev acerca das condições na frente, e a seguir entrou abruptamente no assunto.

Com voz baixa, caracterizada pelo jeito cantado peculiar da Geórgia,

Stalin disse calmamente e com grande efeito:

—Os *soyuznichki* (aliadozinhos) pretendem chegar a Berlim à frente do Exército Vermelho.

Ele recebera informações a respeito de planos anglo-americanos e estava claro que as “intenções deles não têm nada de ‘aliadas’”. Virando-se para o General S. M. Shtemenko, falou:

—Leia o relatório.*

Shtemenko levantou-se. As forças de Eisenhower planejavam cercar e destruir as concentrações do inimigo no Ruhr, anunciou, e depois avançar sobre Leipzig e Dresden. Mas, “de passagem”, pretendiam tomar Berlim. Tudo isso “parecerá uma ajuda ao Exército Vermelho”. Mas sabia-se que tomar Berlim antes da chegada das tropas soviéticas era “a principal meta de Eisenhower”. Stalin virou-se para os dois marechais.

—Portanto—falou suavemente—quem tomará Berlim? Nós ou os Aliados?

Koniev foi o primeiro a falar.

—Nós a tomaremos—respondeu.

—Ah!—fêz Stalin com pesado humor—então você é esse tipo de homem?

Depois, num instante, êle se tor-

nou de nôvo trio e prático, fazendo pergunta em cima de pergunta. Qual era exatamente o preparo de Koniev para capturar Berlim a tempo?

—Não seria necessário um demorado reagrupamento de suas fôrças?

—Os homens da minha frente não precisam de reagrupamento—interveio Zhukov.—Estamos prontos já. Estamos voltados diretamente para Berlim. Estamos a menor distância de Berlim. Tomaremos Berlim.

Stalin olhou em silêncio para os dois homens, e um vago sorriso atravessou-lhe o rosto. Estava de nôvo fazendo das suas, jogando um contra o outro.

—Muito bem—disse docemente.—Vocês dois ficarão em Moscou e, com o Estado-Maior Geral, preparando seus planos. Espero-os prontos em 48 horas.

E, com um ligeiro aceno de cabeça, saiu da sala.

Pelas oito da noite foi expedida uma resposta cuidadosamente detalhada ao telegrama de Eisenhower. “Seu plano coincide inteiramente com o do Alto Comando soviético”, telegrafou Stalin. Concordava inteiramente em que a junção das fôrças fôsse na região Leipzig-Dresden, pois “o golpe principal das fôrças soviéticas” seria desferido “naquela direção”. A data do ataque do Exército Vermelho seria “aproximadamente na segunda metade de maio”.

A parte mais importante da mensagem do Primeiro-Ministro soviético vinha no terceiro parágrafo, onde implantou um certo comentário.

* Grande parte do material soviético foi obtida em Moscou em abril de 1963, quando o Govêrno Soviético autorizou o autor a entrevistar participantes—de marechais a soldados—da batalha por Berlim. Ademais, tendo tido acesso a arquivos militares, o autor teve permissão para copiar e levar da Rússia documentação volumosa, abrangendo planos de batalha, fotos e narrativas militares.

“Berlim”, afirmou êle, “perdeu sua antiga importância estratégica.” Com efeito, ela se tornara tão sem importância que “o Alto Comando soviético por isso planeja destacar forças secundárias na direção de Berlim”.

No dia seguinte, Churchill recebeu uma cópia da mensagem de Stalin para Eisenhower. Seu conteúdo, pensou êle, era altamente suspeito. Telegrafou a Eisenhower: “Estou ainda mais convencido da importância de entrar em Berlim.” Churchill acrescentou enfaticamente que agora julgava “enormemente importante apertarmos as mãos dos russos o mais a leste possível”.

Com Projetores e Cortina de Fumaça

DESESPERADAMENTE conscientes dos imensos problemas logísticos que deviam ser rapidamente resolvidos, com semanas de antecedência, Zhukov e Koniev haviam trabalhado 24 horas por dia. A 3 de abril, terça-feira, dentro do prazo de 48 horas, encontraram-se novamente com Stalin.

Zhukov fêz sua exposição primeiro. Êle vinha considerando o ataque havia meses e tinha na ponta de língua os movimentos projetados de seu formidável grupo de exércitos—768 100 homens. Seu ataque principal se realizaria, disse, partindo da cabeça-de-ponte de 44 quilômetros de comprimento sôbre o Óder, a oeste de Küstrin. Não menos de quatro exércitos de campanha e dois

exércitos blindados seriam lançados em seu esforço principal. Planejava abrir o assalto com uma barragem arrasadora executada por umas 11 000 peças de artilharia. Desencadeando sua ofensiva na antemadrugada, tentava cegar e desmoralizar os alemães virando sôbre êles, no instante mesmo do ataque, o tremendo clarão de 140 projetores antiaéreos de alta potência apontados diretamente para suas posições. Estava convencido de que seu plano resultaria em massacre.

O plano de Koniev, igualmente monumental, era mais complexo. Em seu ponto mais próximo, suas forças estavam a mais de 120 quilômetros a sueste da cidade. Mas Koniev havia astuciosamente aglomerado seus carros de combate à direita de modo que, quando se obtivesse uma ruptura, êle poderia virar para noroeste e pôr-se a caminho de Berlim, talvez esgueirando-se na cidade à frente de Zhukov. Esta era a idéia dêle, mas, em vez de mostrar o seu jôgo, êle se ateve às minúcias operacionais. Seus planos englobavam um ataque de madrugada através do Neisse, sob a proteção de uma pesada cortina de fumaça. No assalto êle pretendia arremessar cinco exércitos de campanha e dois de blindados—511 700 homens. Êle pedia a mesma incrível densidade de artilharia que Zhukov—250 canhões por quilômetro, aproximadamente um canhão por quatro metros de frente. Precisando de mais dois exércitos do que agora tinha, Koniev precisaria

arriscar: começar o ataque quando os reforços ainda estivessem viajando para sua frente, e a pô-los em ação no momento em que chegassem.

Tendo escutado as duas propostas, Stalin aprovou-as a ambas. A Zhukov coube a responsabilidade de capturar Berlim. Koniev deveria atacar no mesmo dia, destruir o inimigo ao longo das orlas sul de Berlim, em seguida deixar seus exércitos se espalharem para oeste para um encontro com os norte-americanos. Embora parecesse ter sido relegado a um papel de apoio, Koniev ficou radiante. "Stalin não disse nada", recordou êle, "mas a possibilidade de uma demonstração de iniciativa foi tácitamente assumida." Koniev achava que tinha luz verde para Berlim . . . se pudesse aproveitá-la.

Imediatamente os planos dos marchais foram incorporados às diretrizes oficiais. Na manhã seguinte, os comandantes rivais, com suas ordens na mão, dirigiram-se num turbilhonante nevoeiro para o aeroporto de Moscou, cada um mais ansioso que o outro para chegar ao seu Q. G. Por questões de segurança, as diretrizes escritas não levavam data, mas Zhukov e Koniev haviam recebido a ordem do próprio Stalin. O ataque a Berlim começaria na segunda-feira, 16 de abril—um mês completo antes da data dada por Stalin a Eisenhower.

Exatamente quando Zhukov e Koniev iniciavam seus preparativos febris para jogar 13 exércitos contra

Berlim, Adolf Hitler teve outra de suas célebres intuições. A concentração dos exércitos russos em Küstrin, diretamente oposta à capital, não passava de uma enorme finta, concluiu. A principal ofensiva soviética seria dirigida contra Praga no sul—não contra Berlim.

O Führer expediu uma diretriz fatal. Determinou a transferência para o sul de três unidades de *panzers* veteranas: o melhor das forças de Heinrici, exatamente o elemento com que êle contava para neutralizar o avanço russo.

Um Incrível Mundo Subterrâneo

O AUTOMÓVEL de Heinrici avançava vagarosamente através dos destroços de Berlim, a caminho da Chancelaria do Reich, para a reunião formal marcada para as três da tarde por Hitler. Prédios perigosamente inclinados ameaçavam desmoronar de um momento para outro, tornando cada rua um perigo. Borbotava água de imensas crateras abertas por bombas; escapamentos de gás dos encanamentos pegavam fogo; por tôda a cidade havia áreas cercadas por cordões de isolamento e marcadas "*Achtung! Minen!*", indicando a localização de minas aéreas ainda não detonadas.

Embora outros prédios da Wilhelmstrasse estivessem em ruínas, na Chancelaria do Reich nada parecia ter mudado. Fora, impecáveis sentinelas fizeram continência a Heinrici e seu chefe de operações Coronel Hans Georg Eismann quando entra-

ram. Um oficial SS informou-os de que a reunião seria no *Führerbunker*. Heinrici ouvira dizer que lá existia um vasto labirinto de instalações subterrâneas. Seguindo um guia, êle e Eismann desceram para o porão e saíram para os jardins fechados dos fundos e daí seguiram até um blocausse oblongo guardado por duas sentinelas. Quando a pesada porta de aço se fechou ruidosamente atrás dêles, Heinrici iria recordar para sempre: "Entramos em um inacreditável mundo subterrâneo."

Ao pé de uma escada de caracol de concreto dois jovens oficiais SS receberam-nos em um vestíbulo brilhantemente iluminado. Cortêsmente seus capotes foram levados, e com igual cortesia, Heinrici e Eismann foram revistados. Desde a tentativa de julho contra a vida de Hitler os guardas de elite do Führer não deixavam mais nenhuma pessoa se acercar dêle sem primeiro revistá-la.

Foram introduzidos num longo e estreito corredor, cuja primeira parte fôra transformada em confortável sala de estar. Um oficial SS, alto e elegantemente trajado, ofereceu-lhes bebidas. Outros participantes da reunião começaram a chegar; entre êles, Himmler, o Almirante Karl Doenitz e o homem reputado como o mais íntimo confidente de Hitler, Martin Bormann. Quando Himmler atravessou a sala na sua direção, Heinrici ficou rígido.

—Não quero nada com êsse homem—resmungou para Eismann.

Aí o General Hans Krebs, de fala macia, sucessor de Guderian, aproximou-se. Doenitz, o Feldmarechal Wilhelm Keitel e Bormann reuniram-se a êles e ouviram Heinrici mencionar alguns de seus problemas. Todos os três prometeram apoio quando Heinrici fizesse sua exposição a Hitler.

Cada vez mais autoridades, com seus estados-maiores, iam enchendo o corredor já apinhado. Ali agora Heinrici estava em silêncio ouvindo impassivelmente o burburinho da conversa—na maioria tagarelice banal. A sala e seu ambiente estavam asfixiantes e irreais. Então o ajudante de Hitler, Wilhelm Burgdorf, fêz um aceno para aquietar o grupo:

—Senhores, senhoras, o Führer se aproxima.

"Tudo Acabará"

ADOLF HITLER veio arrastando os pés pelo corredor do subterrâneo—meio curvado, puxando da perna esquerda e com o braço esquerdo sacudindo descontroladamente. Embora tivesse 1,74 m de altura, agora, com a cabeça e o corpo torcidos para a esquerda, parecia bem menor. Os olhos, que seus admiradores tinham chamado "magnéticos", estavam febris e vermelhos. Tinha o rosto congestionado, de uma côr cinza desbotada, e coberto de manchas. Da mão direita pendiam seus óculos verdes: agora a luz clara incomodava-o. Heinrici pensou que "êle parecia um homem que não tinha mais de 24

horas de vida. Era um cadáver ambulante.”*

Vagarosamente, como se estivesse sofrendo, Hitler arrastou-se até seu lugar à mesa na pequena sala de reuniões. Eismann teve a impressão de que êle caiu “como um saco na poltrona, sem pronunciar uma palavra”. Dèbilmente estendeu a mão, mas Heinrici “mal sentiu a mão do Führer, pois não houve correspondência na pressão”. Devido à pequenez da sala, a maior parte dos homens ficaram fora no corredor, onde continuaram a conversar, se bem que em voz baixa.

Hitler acenou, pôs os óculos verdes e fêz sinal para que Heinrici começasse. O General foi direto ao assunto.

—Meu Führer—disse—devo dizer-lhe que o inimigo está preparando um ataque de vigor incomum. Neste momento estão-se preparando nestes setores.

No próprio mapa de Hitler, Heinrici lentamente passou o dedo ao longo dos 120 quilômetros da parte central da frente do Óder, tocando nas cidades onde aguardava os golpes mais duros. Descreveu a seguir como havia baralhado suas fôrças de modo a concentrá-las mais naqueles

* A rápida deterioração da saúde de Hitler e o descontrôle de seus músculos eram, segundo disseram mais tarde os médicos que o atenderam, em parte psicogênicas e em parte provocadas pelo seu modo de viver. Hitler quase nunca dormia: noite e dia pouca diferença faziam para êle. Ademais, estava sendo lentamente envenenado pelo uso indiscriminado de drogas, ministradas em injeções por seu médico favorito.

pontos. Não alimentava dúvidas de que “o ataque principal será contra a área central”. Mas, disse Heinrici categoricamente, “embora o 9.º Exército de Busse esteja agora em melhor forma do que estava, o 3.º Exército Blindado de Von Manteuffel não se encontra ainda absolutamente em condições de combater. Devo avisá-lo de que só poderemos aceitar o estado de fraqueza dêle enquanto perdurar a inundação do Óder.”

Os homens na sala escutavam atentamente, se bem que um tanto apreensivos. Desde a partida de Guderian ninguém tinha falado com tanta franqueza numa reunião de Hitler.

Aí Heinrici passou para a questão da guarnição que defendia Francforte-sôbre-o-Óder, que, como a malfadada Küstrin, fôra declarada uma fortaleza. Heinrici achava que os soldados estavam sendo sacrificados à mania de “fortaleza” de Hitler.

—Julgo que devemos abandonar a defesa de Francforte e retirar as tropas de lá.

Sùbitamente Hitler levantou os olhos e murmurou as primeiras palavras desde o início do encontro. Disse àasperamente:

—Recuso-me a aceitar isso.

Interessando-se agora, começou a indagar acêrca do efetivo da guarnição, seus suprimentos e munições. Heinrici deu-lhe as respostas, tomando relatórios e estatísticas de Eismann. Hitler olhava os documentos à medida que cada um lhe era passado e pareceu ficar impressionado. Finalmente, com espanto da

maioria dos que se achavam na sala, disse:

—Krebs, creio que a opinião do general a respeito de Francforte é razoável. Prepare as ordens necessárias e entregue-mas hoje.

No silêncio de estupefação houve um rebuliço no corredor, e o vasto volume do Reichsmarschall Herman Goering encheu o portal da sala de reuniões. Goering saudou alegremente os presentes, sacudiu vigorosamente a mão de Hitler e espremeu-se junto de Doenitz. Depois de Krebs tê-lo atualizado apressadamente sobre o relatório de Heinrici, Goering levantou-se e, colocando ambas as mãos sobre a mesa do mapa, inclinou-se para Hitler e, sorrindo com evidente bom humor, falou:

—Preciso contar-lhe uma anedota . . .

Não passou daí. De repente Hitler empertigou-se e pôs-se em pé. As palavras caíam-lhe da boca numa torrente quase ininteligível. “Diante de nossos olhos”, recorda Eismann, “êle teve um ataque de ira vulcânica.”

Sua fúria nada tinha a ver com Goering. Era uma diatribe contra seus generais por deliberadamente se recusarem a entender seu emprêgo tático dos fortes.

—Repetidamente—vociferou—os fortes têm desempenhado seu papel na guerra. Isso foi provado em Posen, Breslau e Schneidemühl. Quantos russos foram paralisados por êles? A História provou que eu estava certo. Minha ordem de defender um

forte até ao último homem está certa!

Então, olhando de frente para Heinrici, berrou:

—Por isso Francforte deve conservar sua condição de forte!

Tão súbitamente como começara, o ataque terminou. Mas Hitler, apesar de exausto, não podia mais ficar quieto. Parecia ter perdido todo autodomínio. “Todo o corpo dêle tremia”, lembra Eismann. “As mãos dêle, nas quais segurava alguns lápis, subiam e desciam loucamente, com os lápis batendo nos braços da poltrona. Dava a impressão de estar mentalmente atormentado. Tudo era tão irreal—especialmente o pensar-se que o destino de um povo inteiro estava nas mãos daquela ruína humana!”

Tranqüilamente, pacientemente—quase como se a explosão maníaca não houvesse ocorrido—Heinrici repetiu todos os argumentos, ressaltando cada uma das razões para abandonar Francforte. Hitler fazia apenas gestos cansados com as mãos, rejeitando cada argumento.

Aproximava-se agora o que Heinrici encarava como a crise da reunião. Êle só sabia expressar-se de uma forma: com a verdade sem rebuços.

—Devo dizer-lhe—falou—que desde a transferência para o sul das quatro unidades de *panzers*, tôdas as minhas tropas, boas e más, têm de ser empregadas na linha de frente. Não há reservas. Nenhuma.

Fêz uma pausa, todos os olhares voltados para êle.

—Meu Führer, o fato é que, no máximo, só poderemos resistir alguns dias. Então virá o fim.

Houve um silêncio sepulcral. Goering foi o primeiro a interrompê-lo.

—Meu Führer—anunciou—colocarei imediatamente à sua disposição 100 000 homens da Luftwaffe. Eles se apresentarão na frente do Óder dentro de alguns dias.

Himmler relanceou um olhar de coruja para Goering, seu arqui-rival, e depois para Hitler como para provar a reação.

—Meu Führer—disse em sua voz aguda—a SS tem a honra de fornecer 25 000 combatentes para a frente do Óder.

Eles estavam fornecendo voluntários de fôrças de adestramento, sem equipamento e sem qualificação de seus próprios impérios particulares, numa espécie de macabro leilão—cobrindo a oferta um do outro não para salvar a Alemanha, mas para impressionar Hitler.

Soava um côro de vozes formado pelos vários homens que procuravam sugerir outras fôrças que talvez estivessem disponíveis. Aparentemente mais 13 000 soldados poderiam ser raspados do chamado exército de reserva. Doenitz tinha-se oferecido para liberar 12 000 marinheiros de seus navios e enviá-los a tôda a pressa para o Óder. Com isso, Hitler virou-se para Heinrici.

—Aí está—disse.—Você tem 150 000 homens: cêrca de 12 divisões. Aí estão as suas reservas.

O leilão acabara.

—Mas êsses homens—objetou Heinrici lutando para dominar-se—não estão adestrados para o combate. Têm estado em zonas de retaguarda, em gabinetes ou navios, em trabalhos de manutenção nas bases da Luftwaffe. Nunca viram um russo. Eu lhe digo, todos êles serão inúteis na frente! Inúteis!

Enquanto os outros bufavam de raiva, Hitler parecia ter ficado gèlidamente calmo. Passou a mão por cima das posições russas no Óder.

—Tudo isto—anunciou exausto e enfadado—é apenas um ataque de apoio destinado a confundir. A investida principal do inimigo será dirigida contra Berlim... mas ali.—Dramaticamente colocou um dedo sôbre Praga.—Por conseguinte, o Grupo de Exércitos do Vístula deve bem poder agüentar os ataques secundários.

Heinrici arregalou os olhos incrédulo. Por fim, disse:

—Meu Führer, terminei tudo o que era possível preparar para fazer face ao ataque. Nada posso fazer a respeito das terríveis perdas que seguramente sofreremos. É meu dever deixar isso claro. Também é meu dever afirmar não poder garantir que o ataque será repellido.

Hitler sùbitamente voltou à vida. Levantando-se com esfôrço, bateu com o punho na mesa.

—Fé!—berrou.—Fé e forte convicção no sucesso compensarão tôdas essas deficiências! Eu lhe digo, coronel-general, se o senhor tiver consciência de que essa batalha deve



1930: a Primeira Copa
A Itália Conquista o Troféu
Os Alemães em Berna
Conselhos
ao Torcedor
Brasileiro

neste suplemento,
José Maria Scassa, Fernando Sabino,
Ary Silva, Thomaz Mazzoni,
Sérgio Pôrto e outros consagrados
cronistas, contarão
aos nossos leitores, de maneira
palpitante e dinâmica,
o que é o nosso futebol.

Aguardem o próximo número de Seleções!

ser ganha, ela será ganha! Se seus soldados receberem a mesma convicção . . . então o senhor alcançará o maior sucesso da guerra!

Pálido, Heinrici juntou os seus papéis e entregou-os a Eismann. Os dois oficiais despediram-se, galgaram as escadas da casamata e saíram para o jardim.

—Não adianta—falou Heinrici, cansado.—É como se quiséssemos trazer a Lua para a Terra.

Levantou os olhos para as nuvens de fumaça que pairavam sôbre a cidade, e repetiu baixinho para si próprio: “É tudo para nada. Tudo para nada.”

A Grande Armada

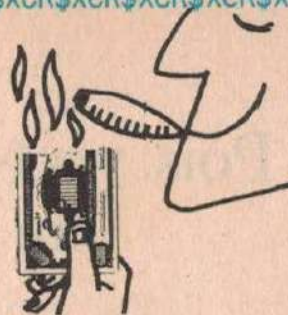
“NATURALMENTE”, dizia o último parágrafo do último telegrama de Eisenhower para Churchill, “se a qualquer momento correrem condições de ‘Eclipse’ (colapso ou rendição da Alemanha) em qualquer parte da frente, daremos uma arrancada e Berlim será incluída em nossos objetivos importantes. Foi o máximo que o Supremo Comandante concordou em se comprometer. Mas não satisfez os britânicos, cujas desconfianças haviam sido despertadas pelo telegrama de Stalin. Pois, embora o Generalíssimo houvesse afirmado que planejava iniciar sua ofensiva em meados de maio, êle não indicara quando pretendia lançar as “fôrças secundárias” na direção de Berlim. Por isso, o Estado-Maior das Fôrças Armadas britânico continuava achando que Berlim devia ser

capturada o mais cedo possível. Além disso, eles criam ser "conveniente o Estado-Maior Aliado dar a Eisenhower orientação no assunto".

A resposta do General Marshall firme e decisivamente encerrou a discussão. "As possíveis vantagens psicológicas e políticas resultantes da eventual captura de Berlim antes dos russos"—disse—"não devem sobrepor-se à imperiosa razão militar, que em nossa opinião é a destruição e destrôço das fôrças armadas alemãs." Marshall terminou com um endosso inequívoco ao Comandante Supremo: "Só Eisenhower se acha em condições de saber como fazer esta batalha e explorar plenamente as mudanças na situação."

A essa altura Churchill resolveu concluir a controvérsia antes que ocorresse maior deterioração nas relações aliadas. Informou o Presidente Roosevelt de que considerava a questão encerrada. "Para provar minha sinceridade", telegrafou ao Presidente, "usarei uma de minhas bem poucas citações latinas: *Amantium irae amoris integratio est.*" Traduzida significava: "Brigas de namorados são uma renovação do amor."

Enquanto a polêmica acêrca dos objetivos estratégicos transcorria nos bastidores, os homens das fôrças anglo-americanas tinham-se aprofundado continuamente na Alemanha. Nunca na história da guerra tantos homens haviam andado tão depressa. Ao longo de toda a frente a arremetida assumia as dimensões de um gigantesco campeonato, enquanto os



Não fazemos bilionários em 1 dia

Mas lhe prometemos encontrar a forma mais vantajosa de aplicação das suas economias. Crescinco lhe oferece a segurança da maior organização do gênero em toda a América Latina. Aproveite essa experiência a seu dispor. Preencha o cupom abaixo e analisaremos junto com V., sem compromisso, qual das seguintes formas de investimento fará o seu dinheiro RENDER MAIS E COM MAIOR SEGURANÇA.

- 1. Fundo Crescinco:** você se torna acionista de 100 das mais lucrativas empresas do país. Sempre a melhor aplicação, mas agora ainda mais vantajosa devido às vantagens tributárias da Lei do Mercado de Capitais.
- 2. Letras de Câmbio:** ao portador, rendimento fixo a prazos curto e médio.
- 3. Certificados de Aplicação Fixa Crescinco:** nominativos, rendimento fixo a prazos curto e médio.
- 4. Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional.**
- 5. Ações e Debêntures de Companhias selecionadas.**

Sua segurança é a experiência de

CRESCINCO

A CRESCINCO - Depto. A-27 - C. Postal, 8245
São Paulo - Brasil - R. Direita, 250 - 26.º andar
Desejo receber, sem compromisso, informações
sobre os bons negócios Crescinco.

Nome
Endereço
Cidade
Estado
Profissão

Cia. Empreendimentos, Administração e Investimentos IBEC - Capital e Reservas Cr\$ 539.535.813
Carta de Autorização do Banco Central da República n.º 116.

Fev./66

exércitos se concentravam em alcançar as margens do Elba, a fim de se apoderarem das cabeças-de-ponte para a última corrida vitoriosa que poria fim à guerra.

Com os britânicos ao norte e o 6.º Grupo de Exércitos norte-americanos do General Dever ao sul, mantendo os flancos, Bradley avançava furiosamente pela parte central da Alemanha, rumo a Leipzig e Dresden. No alinhamento norte-sul dos exércitos norte-americanos, o maciço 9.º Exército de Simpson estava à menor distância do Elba e os comandantes tinham a impressão de que Bradley dera a Simpson autorização para a investida que, por seu próprio impulso, deveria levar forças norte-americanas a Berlim.

Ao longo dos 80 e tantos quilômetros de frente do 9.º Exército a 2.ª Divisão Blindada (DB) do Major-General Isaac D. White era a ponta-de-lança da progressão. A divisão era uma das maiores formações da frente ocidental. Com seus carros de combate, canhões autopropulsados, carros blindados, *bulldozers*, caminhões, jipes e artilharia, ela formava uma corrente de mais de 115 quilômetros de extensão; levava quase 12 horas para passar num dado ponto. Esta possante força blindada estava correndo adiante de todas as demais unidades do 9.º Exército—com uma notável exceção.

Em seu flanco direito, tenazmente regulando a andadura da 2.ª DB quilômetro por quilômetro e lutando

do todo o tempo, havia uma coleção variada de viaturas cheias de soldados. Do ar não parecia uma divisão blindada nem de infantaria. Com efeito, a não ser por uns quantos caminhões do Exército Americano disseminados entre suas colunas, ela poderia facilmente ser tomada por um comboio alemão. A 83.ª Divisão de Infantaria, o Circo Maltrapilho do General-de-Divisão Robert C. Macon, ia a tôda brida rumo ao Elba em cima de despojos de que se apoderara. Tôda unidade ou cidade inimiga que capitulara ou fôra capturada contribuía com sua cota de material rodante para a divisão, geralmente sob ameaça de arma. Tôda viatura recém-adquirida recebia uma rápida mão de tinta verde-oliva e uma estrêla norte-americana pespegada do lado; depois, era incorporada à 83.ª.

Se seus compatriotas ficavam confusos por causa das viaturas da 83.ª, os alemães ficavam ainda mais. Quando a divisão avançava para o Elba, o Major Haley Kohler ouviu as buzinas insistentes de um carro. “Aquêlê Mercedes surgiu detrás de nós”, recorda êle, “e depois começou a ultrapassar tudo na estrada.” Ao passar, os norte-americanos ficaram estupefatos de ver que se tratava de um carro de comando alemão, dirigido por um motorista particular e cheio de oficiais. Uma rajada de metralhadora deteve a viatura e os perplexos alemães foram aprisionados no meio do que supunham ser uma das suas próprias

colunas. O Mercedes, em excelente estado, recebeu a costumeira mão de tinta apressada e foi pôsto em uso imediatamente.

A oposição aos exércitos em progressão era completamente imprevisível. Muitas áreas capitulavam sem disparar um tiro. Em algumas pequenas cidades, o silêncio da rendição em uma zona era súbitamente perturbado pela barulheira da luta feroz a poucas quadras.

Almôço com o Reichsmarschall

SUAS DEFESAS foram planejadas até ao último pormenor, sua tática decorada por seus oficiais. Agora, no quartel-general do Grupo de Exércitos do Vístula, Gotthard Heinrici estava pronto para a batalha.

Por trás de sua primeira *Hauptkampflinie*—a linha principal de resistência—Heinrici estendera uma segunda. Exatamente antes da esperada barragem de artilharia russa, Heinrici dissera aos comandantes subordinados que mandaria evacuar a linha de frente. Imediatamente todos os homens recuariam para a segunda *Hauptkampflinie*. Era o stratagema de Heinrici de deixar os russos “darem num saco vazio”. O ardil funcionara no passado e Heinrici contava outra vez com seu sucesso.

O segrêdo, como sempre, estava em determinar o momento exato do ataque, e a vigilância de Heinrici era agora incessante. Diàriamente os poucos aviões de reconhecimento que lhe restavam sobrevoa-

vam as linhas russas, observando os dispositivos da tropa e da artilharia. Tôdas as noites, incansavelmente, êle estudava os mais recentes boletins de informações e os interrogatórios de prisioneiros, sempre em busca do indício que pudesse denunciar a hora do ataque.

Foi durante êsse crítico período de tensão que o Reichsmarschall Hermann Goering convocou Heinrici para almoçar em seu castelo. Apesar de Heinrici estar tremendamente fatigado e detestasse deixar seu Q. G. mesmo por poucas horas, não podia recusar. Karinhall, a vasta herdade do Reichsmarschall, ficava a poucos quilômetros do Q. G. do Vístula, em Birkenhain. Ao aproximarem-se, Heinrici e seu ajudante-de-ordens, Capitão Von Bila, ficaram assombrados com a magnificência da propriedade de Goering, um verdadeiro parque, com seus lagos, jardins, terraços urbanizados, caminhos orlados de árvores. Enfileiradas na estrada da entrada principal até ao castelo havia unidades de pára-quedistas da Luftwaffe garbosamente fardados—a fôrça de defesa pessoal de Goering.

Goering cumprimentou Heinrici friamente. O Reichsmarschall e o general detestavam-se intensamente e o almôço foi um desastre. Goering começou por criticar acerbamente as tropas que vira em recentes percursos pela frente do Vístula. Recostado em uma poltrona enorme como um trono e brandindo uma enorme caneca de prata de cerveja, Goering

acusou Heinrici de má disciplina em seu comando.

—Tenho passado de carro por todos os seus exércitos—disse—e em setor após setor encontrei homens sem fazer nada! Vi alguns em abrigos jogando cartas! Em outras partes, quase nada tôra feito para construir defesas. Por tôda a parte encontrei seu pessoal vadiando, sem fazer nada.

Heinrici não via razão para discutir. Controlando o seu gênio, conseguiu ir até ao fim da refeição. Mas, quando Goering acompanhava seus dois visitantes até à porta, Heinrici parou, olhou lentamente em tórno o magnífico castelo e disse:

—Espero que meus vadios possam ao menos salvar esta sua linda residência das batalhas que nos aguardam.

Goering olhou-o gèlidamente por um momento, depois girou sôbre os calcanhares e voltou para dentro.

Goering não ia ter Karin hall por muito mais tempo, pensou Heinrici ao afastar-se de automóvel. Estava começando a chegar a uma conclusão quanto à escolha de oportunidade para o ataque russo, baseado nas informações e naquela intuição que nunca lhe falhara. Heinrici acreditava que o ataque teria início dentro de uma semana—aí por volta de 15 ou 16 de abril.

Corrida Para a Cabeça-de-Ponte

EM CINCO grandes colunas, os homens da 2.^a Divisão Blindada americana avançavam velozmente para

o Elba e Berlim. Passavam postos-de-comando alemães iluminados sem diminuir a velocidade. Passavam impetuosamente por vilas onde idosos Guardas Territoriais, de armas na mão, ficavam inermes nas ruas, por demais aturdidos para agirem. Ultrapassavam às pressas colunas motorizadas alemãs que se deslocavam no mesmo sentido. As armas pipocavam, mas ninguém parava de nenhum dos lados. Pracinhas que viajavam em carros de combate davam tiros a êsmo contra motociclistas alemães. Onde tropas alemãs tentaram resistir em posições enterradas, alguns comandantes norte-americanos empregaram seus blindados como cavalaria. O Major James F. Hollingsworth, deparando com uma situação dessas, dispôs em linha 34 carros de combate e deu uma ordem raramente ouvida na guerra moderna: "Carga!" Com os canhões trocando, os carros de Hollingsworth dispararam sôbre as posições inimigas, e os alemães saíram correndo.

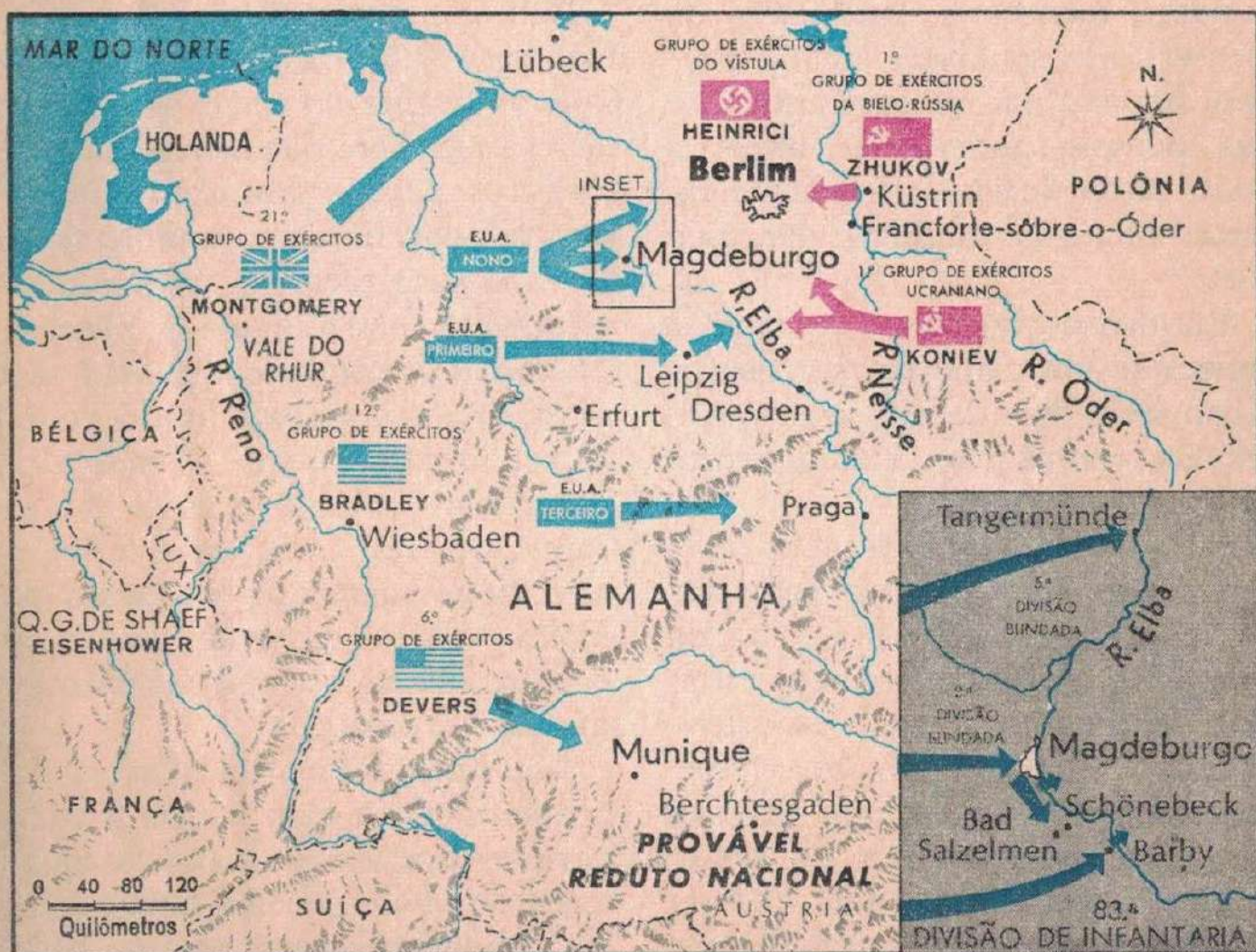
Na tarde de quarta-feira, 11 de abril, um pequeno grupo de viaturas blindadas alcançara a orla de Magdeburgo, na margem oeste do Elba. Os carros de reconhecimento do Tenente-Coronel Wheeler Merriam, em patrulha, fazendo até 88 quilômetros por hora, haviam atingido uma área suburbana. Ali os carros foram detidos, não por defesas alemãs, mas pelo tráfego civil e pelo público que fazia compras.

O pelotão disparou uma rajada de metralhadora para o alto a fim de es-

vaziar as ruas. O resultado foi o caos. Mulheres desmaiaram. Compradores das lojas amontoavam-se em grupos assustados ou atiravam-se ao chão. Soldados alemães corriam atabalhoadamente, disparando às toltas. Os carros-patrolhas de Merriam conseguiram desembaraçar-se e chegar ao aeroporto que era seu objetivo. Quando passavam pela orla do campo, havia aviões decolando e pou-sando. As armas norte-americanas começaram a metralhar tudo o que havia à vista, inclusive um esquadão de caça pronto para decolar. Então as defesas reorganizaram-se e o pelotão de carros de reconhecimento encontrou-se sob pesado tiroteio.

As viaturas escaparam com a perda de um único carro blindado, mas seu aparecimento tinha alertado os defensores de Magdeburgo. Dali em diante, à medida que as unidades norte-americanas iam chegando sucessivamente ao Elba em qualquer dos lados da cidade, encontravam resistência cada vez maior.

Quando retrocederam, as vedetas de Merriam transmitiram uma informação vital: a ponte da auto-estrada ao norte da cidade continuava intata. Esse tornou-se incontinenti o objetivo primordial da divisão, pois poderia levar a 2.^a a Berlim. Mas, pelo fogo recebido, estava claro que a ponte não seria tomada



assim de corrida. Os defensores de Magdeburgo estavam decididos a lutar.

A ponte que ficava 11 quilômetros ao sul, em Schönebeck, era o objetivo do Major Hollingsworth, do 67.º Regimento Blindado. Durante toda a tarde de quarta-feira os carros de combate de Hollingsworth passaram velozmente por cidade após cidade. Exatamente antes do escurecer encontraram-se diante do terreno elevado que dominava as vilas de Schönebeck e Bad Salzelmen. Além, brilhando na luz vaga do anoitecer, estava o Elba, nesse ponto com uns 150 metros de largura. Ao examinar a região com o binóculo, Hollingsworth viu que a ponte rodoviária continuava de pé—viaturas blindadas alemãs estavam fugindo por ela para leste. Como, pensou, poderia ele tomar a ponte antes de ser destruída, tendo forças blindadas inimigas por toda parte?

Enquanto observava, começou a formar-se um plano em sua mente. Chamando dois de seus comandantes de companhia, Hollingsworth expôs sua idéia.

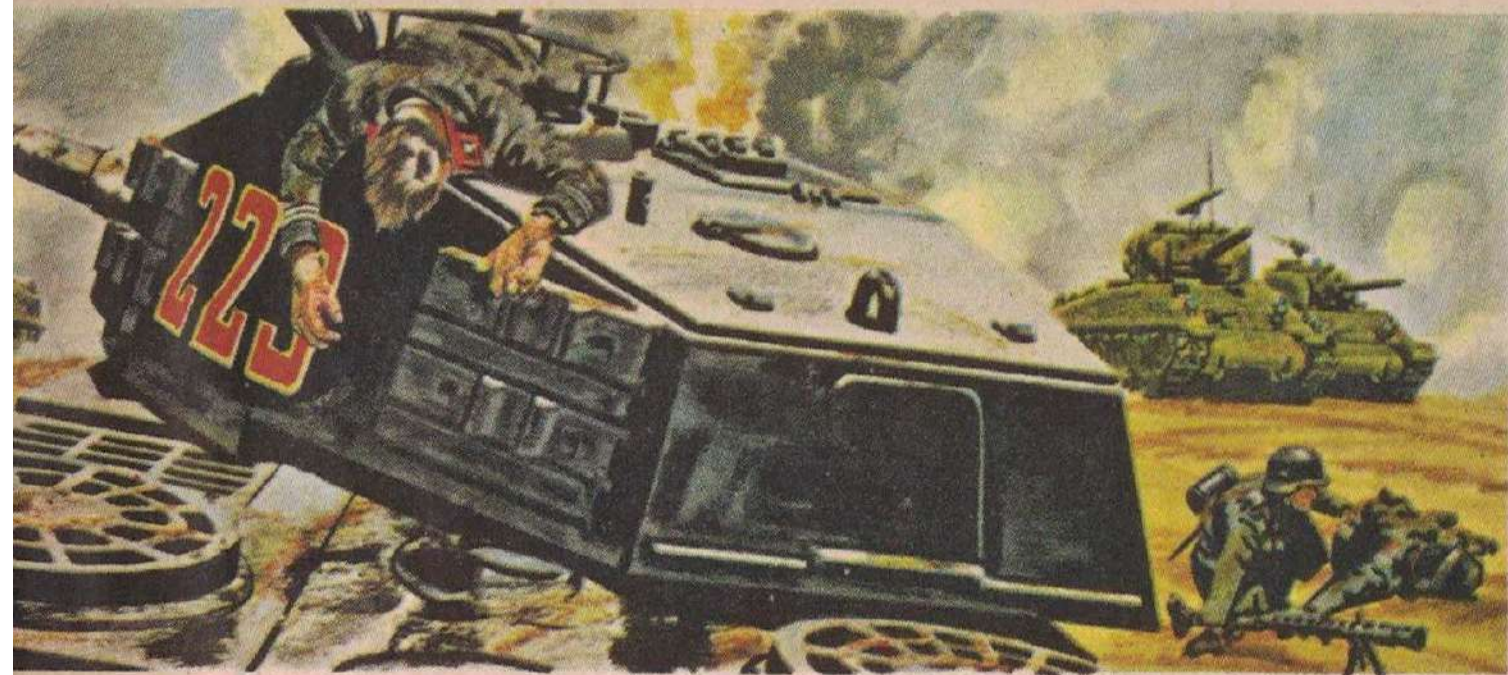
—Eles estão-se deslocando pela estrada sul-norte que vai para Bad Salzelmen—falou.—Depois viram para leste no cruzamento das estradas, entram em Schönebeck e atravessam a ponte. Nossa única esperança é entrar de repente em Bad Salzelmen, apoderar-nos do cruzamento, obstruir a estrada e deter os alemães que vêm do sul. Eu me



colocarei na retaguarda da coluna alemã que já virou para leste e a seguirei. Precisamos tomar aquela ponte.

Dali a momentos, os carros de Hollingsworth estavam em marcha. Com as tampas das torres abaixadas, carregaram sobre Bad Salzelmen; antes de os alemães saberem o que se passava, viaturas americanas haviam obstruído a estrada que vinha do sul e lutavam com a coluna de *panzers*. Os carros de combate alemães à testa da coluna já tinham feito a volta, rumando para a ponte. Tendo evidentemente ouvido o ruído do tiroteio de trás, começaram a acelerar. Nesse momento, os carros de Hollingsworth encheram um claro em sua coluna e acompanharam na mesma velocidade.

Mas então foram descobertos, e a artilharia abriu fogo contra a coluna norte-americana. Quando os Shermans de Hollingsworth penetraram em Schönebeck, um carro de com-



bate alemão Mark V, com a tórre girando, fêz mira na testa da coluna americana. O Primeiro-Sargento Cooley, artilheiro de Hollingsworth, abriu fogo e arrebentou o Mark V. Virando de lado, o *panzer* chocou-se contra uma parede e começou a arder furiosamente. Mal havia espaço para o carro de Hollingsworth passar, mas, conseguiu esgueirar-se pela estreita passagem, seguido do restante da coluna. Atirando na parte traseira de cada viatura inimiga e passando com dificuldade por entre os *panzers* em chamas, os carros de combate americanos carregaram através da vila. Ao alcançarem o centro dela, conforme Hollingsworth lembrou, “todo o mundo atirava em todo o mundo. Foi a maior confusão. Havia alemães dependurados das janelas, atirando em nós com seus *panzerfausts* ou então já mortos.”

O tanque de Hollingsworth não fôra atingido, e estava agora apenas a uns três ou quatro quarteirões da

ponte. Mas a reta final era a pior. Fogo inimigo parecia vir de todos os cantos. Os prédios ardiam e, embora fôssem 11 da noite, a cena estava tão profusamente iluminada que parecia dia.

Adiante ficava a entrada da ponte. Os carros arrancaram para a frente. A entrada, invisível para o pôsto anterior de observação de Hollingsworth nas colinas, era um labirinto de muros de pedra que se projetavam a intervalos irregulares de ambos os lados da estrada; as viaturas tinham de andar devagar e manobrar bruscamente para a direita e para a esquerda antes de alcançarem o vão central. Pulando de seu tanque, Hollingsworth saiu em reconhecimento para ver se poderia ao mesmo tempo guiar o carro e dirigir o fogo de seu artilheiro por meio do telefone ligado à parte de trás de seu tanque. Naquele instante uma granada anti-tanque explodiu uns 15 metros adiante e de repente o Major Hollings-

worth estava com o rosto transformado numa massa de sangue.

Com a 45 numa das mãos e o telefone na outra, continuou avançando obstinadamente para a ponte. Uma bala acertou-lhe no joelho esquerdo, mas êle continuou. Afinal, cambaleante e meio cego pelo próprio sangue, Hollingsworth foi detido por uma chuva de tiros vindos das posições alemãs. Teve de ordenar a retirada. Chegara a 12 metros da ponte.

Quando o Coronel Disney, comandante dêle, chegou ao local, encontrou o major "incapaz de andar e regando o chão com sangue. Mande-o para a retaguarda." Hollingsworth deixara de tomar a ponte por uma questão de minutos. Se o tivesse conseguido, calculou, poderia ter alcançado Berlim dentro de 11 horas.

Na madrugada de 12 de abril, quando infantaria e engenheiros tentaram mais uma vez apoderar-se da ponte de Schönebeck, os alemães mandaram-na pelos ares na cara dêles.

A ansiedade começou a tomar conta do comando do 9.º Exército. Até ao meio da tarde de 12 de abril houvera tôda razão para confiança. A 5.ª Divisão Blindada percorrera uma extensão fenomenal de 300 quilômetros em 13 dias; a 2.ª avançara a mesma distância em apenas mais um dia. Mas nenhuma ponte fôra ainda capturada, nenhuma cabeça-de-ponte estabelecida na margem oriental do rio. Então, no Q.G. da 2.ª DB, chegaram a uma decisão: a passagem

do rio tinha de ser forçada. A tropa efetuaria um assalto anfíbio contra a margem oriental do Elba para estabelecer uma cabeça-de-ponte. Depois seria construída uma ponte de pontões através do rio.

Às oito da noite de 12 de abril, dois batalhões de infantaria blindada foram silenciosamente transportados para a margem leste em caminhões anfíbios. A travessia não encontrou resistência. À meia-noite os dois batalhões estavam do outro lado e com a primeira luz do dia um terceiro se lhes reunira. Na margem leste, os soldados desdobraram-se rapidamente, cavando posições defensivas em um apertado semicírculo em tôrno do local escolhido para a ponte de pontões. Jubiloso, o General White fêz uma chamada telefônica para o comandante do 9.º Exército, General Simpson: "Atravessamos!"

No MESMO dia, mais ou menos na hora que os primeiros carros de combate da 5.ª Divisão Blindada entravam em Tangermünde, o Presidente Franklin D. Roosevelt morria à sua mesa de trabalho em Warm Springs. Sôbre a mesa estava um exemplar do *Constitution* de Atlanta. A manchete dizia: "O 9.º EXÉRCITO — A 91 QUILÔMETROS DE BERLIM."

Só quase 24 horas depois a notícia da morte do Presidente começou a chegar ao pessoal da linha de frente. O Major Alcee Peters da 84.ª Divisão, ouviu-a de um alemão que se acercou para dar-lhe os pêsames pois "a notícia é tão terrível". Pe-

ters ficou abalado e incrédulo, mas antes de poder dar-se conta inteiramente do que ouvira, sua coluna pôs-se de novo em movimento, e êle teve de pensar em outras coisas. O Capelão Ben Rose, do 113.º Grupo de Cavalaria Mecanizada, escreveu à espôsa, Anne: "Todos nós sentimos... mas vimos tantos homens morrer, que a maioria de nós sabe que nem mesmo Roosevelt é indispensável. Fiquei surpreso diante da calma com que ouvimos a notícia."

Josef Goebbels, entretanto, mal pôde conter-se. No momento em que ouviu a notícia, telefonou a Hitler no *Führerbunker*. "Meu Führer, parabéns! Roosevelt está morto!" exultou. "Está escrito nos astros. A última metade de abril será o momento decisivo para nós. Hoje é sexta-feira, 13 de abril. É mesmo o momento decisivo!"

Em êxtase, Goebbels mandou servir champanha a todos no Ministério da Propaganda.

A "Ponte Truman"

"ATRAVESSEM! Atravessem! Não parem!" O Ten-Cel. Edwin "Buckshot" Crabill, da 83.ª Divisão de Infantaria (DI), andava dum lado para o outro na margem do rio, empurrando homens em barcos de assalto. "Não esperem para organizar-se! Passem para lá do jeito que puderem!", bradava. "Vocês estão a caminho de Berlim!"

Na vila de Barby, 25 quilômetros a sueste de Magdeburgo e exatamente abaixo do local onde seus

Se V. não pode ir
à escola, a Escola
irá à sua casa...

Em alguns meses,
estudando confortavelmente
em seu próprio lar, V.
conseguirá o que até agora
julgou inatingível.

o ambicionado **Diploma**
que lhe abrirá as portas do sucesso:

Um destes cursos é do seu interesse:

DESENHO (Artístico, Mecânico, Publicitário
e Arquitetônico)

MADUREZA (Ginásio, Clássico ou Científico
em 1 ano)

CONTABILIDADE - SECRETARIADO - INGLÊS
PORTUGUÊS - COMERCIAL PRÁTICO
TAQUIGRAFIA - PROPAGANDA E
PROMOÇÃO DE VENDAS
VENDEDOR - CORRETOR



Escolha o da sua preferência e peça
prospectos grátis, sem compromisso. Verá como
é assombrosamente eficiente e rápido o nosso

PROFESSOR EM CASA

Método de ensino por correspondência exclusivo de

DOM BOSCO Escolas
Reunidas

A melhor organização de Ensino por Correspondência do Brasil.

Rua Formosa, 393 - Caixa Postal 7754 - Tel. 37-1920 - São Paulo

Sr. Diretor:

Peço prospecto grátis sobre o Curso de:

Nome: _____

Rua: _____ N.º _____

Cidade: _____ Est. _____


arqui-rivais, os da 2.^a DB, tinham transposto o Elba só para serem detidos por obstinada resistência alemã, os homens da 83.^a DI atravessavam o rio aos bandos, sem oposição alguma. Entraram na vila constatando que a ponte fôra destruída, mas, sem aguardar ordens do Comandante da Divisão, Crabill determinara imediata travessia. Embarcações de assalto haviam sido mandadas às pressas e em questão de horas um batalhão inteiro fôra pôsto do outro lado. Agora outro estava a caminho. Simultaneamente, estava sendo passada artilharia em pontões e engenheiros construía uma ponte para tropas de pé.

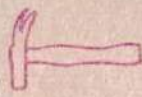
Ao anoitecer do dia 13, os engenheiros tinham terminado e, meticulosos, haviam colocado um cartaz no acesso à ponte. Era uma homenagem ao nôvo Presidente, e dizia: "PONTE TRUMAN. PÓRTICO DE BERLIM. CORTESIA DA 83.^a DI."


A notícia foi despachada para o General Simpson e daí para o General Bradley. Êste imediatamente telefonou para Eisenhower. Sùbitamente a cabeça-de-ponte da 83.^a ocupava o primeiro lugar no pensamento de todos. O Supremo Comandante escutou a notícia cuidadosamente. Depois, ao acabar o relatório, fêz uma pergunta a Bradley. Conforme mais tarde reconstruiu a conversa, Eisenhower interrogou: "Brad, o que nos custaria partir do Elba e tomar Berlim?"

Bradley vinha fazendo a si mesmo essa pergunta havia dias. Como Eisen-

**Diariamente
acontecem
pequenos acidentes:**


na rua, 

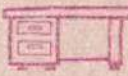
no trabalho, 

em casa. 

É mais seguro

ter sempre à mão:

no carro, 

na gaveta, 

no armário 

Curativos BAND-AID



Compre a
caixa de 30
— é mais
econômica!

Curativo que já vem pronto com poderosos antissépticos.
É flexível, perfeita aderência, quase invisível.

*Marca Reg.

hower, êle não via Berlim como um objetivo militar, mas, se pudesse ser tomada com facilidade, era a favor de sua captura. Todavia, Bradley, como o seu chefe, preocupava-se com uma penetração por demais profunda na futura zona soviética e com as perdas que as tropas norte-americanas sofreriam ao avançar para áreas das quais, por fim, teriam de se retirar.

Então respondeu ao Supremo Comandante: "Calculo que poderia custar-nos 100 000 homens."

Houve uma pausa. Depois, Bradley acrescentou: "Seria um preço alto demais a pagar por um objetivo de prestígio, especialmente quando sabemos que teremos de sair e deixar o outro camarada tomar o lugar."

A conversa acabou aí. O Supremo Comandante não revelou suas intenções. Mas Bradley deixara sua opinião inconfundivelmente clara: as vidas norte-americanas eram mais importantes do que o mero prestígio ou a ocupação temporária de terrenos sem uma finalidade.

O Horror Oculto

O PLANO de ataque do Supremo Comandante contra a Alemanha desenrolara-se brilhantemente; com efeito, a velocidade do grande avanço anglo-americano surpreendera até a êle. As vertiginosas vitórias, entretanto, tinham esticado as linhas de suprimento de Eisenhower quase até ao limite. Pois à medida que os Aliados se aprofundavam na Alemanha, tinham de abastecer cada vez

mais milhares de não-combatentes. Centenas de milhares de prisioneiros de guerra alemães tinham de ser alimentados. Trabalhadores-escravos de uns 20 países e prisioneiros de guerra britânicos tinham de receber alojamento, alimentação e assistência médica. Hospitais, comboios de ambulâncias e suprimentos médicos estavam agora avançando. E conquanto êsses recursos médicos fôsem vastos, uma demanda imprevista lhes foi imposta de repente.

Nos últimos dias, o que viria a ser o horror oculto do Terceiro Reich principiara a ser desvendado. Ao longo de tôda a frente nessa tremenda semana de avanço, os homens haviam-se horrorizado e revoltado ao encontrarem os campos de concentração de Hitler, com suas centenas de milhares de internados e a prova dos seus milhões de mortos.

Soldados calejados pelo combate mal podiam crer no que viam quando dezenas de campos e prisões caíam em suas mãos. Vinte anos depois êles lembrariam aquelas cenas com sombria raiva: os emaciados esqueletos ambulantes que avançavam para êles trôpegamente, tendo como única posse sua vontade de sobreviver que haviam salvo do regime nazista; as sepulturas, os poços e as valas comuns; as filas de crematórios cheios de ossos calcinados, testemunho horrível e mudo da exterminação sistemática de "prisioneiros políticos"—que haviam sido mortos, conforme um guarda de Buchenwald explicou, "só porque eram judeus".

No campo de Ohrdruf, invadido pelo 3.º Exército Norte-Americano a 12 de abril, o General George S. Patton, um dos mais endurecidos oficiais do Exército dos Estados Unidos, andou através das casas da morte e depois afastou-se com o rosto molhado de lágrimas, vomitando irresistivelmente. No dia seguinte Patton determinou aos habitantes de uma aldeia vizinha, que alegavam ignorância da situação no interior do campo, que vissem por si mesmos; os recalcitrantes foram levados sob a mira de fuzis. Na manhã seguinte, o prefeito da aldeia e a esposa enforcaram-se.

O General Eisenhower fêz uma visita pessoal a um campo perto de Gotha. Pálido, com os dentes cerrados, caminhou por tôda parte do campo. "Até àquele momento", recordou mais tarde, "só soubera daquilo de maneira genérica ou por intermédio de fontes secundárias. Nunca, em nenhuma outra ocasião, senti tamanho choque."

O efeito psicológico dos campos nos oficiais e praças não pode ser avaliado. Uma fria determinação de vencer e vencer depressa substituiu tôdas as outras emoções nos homens que os tinham visto. O Supremo Comandante sentia quase a mesma coisa. Mas antes que pudesse pressionar para acabar a guerra, tinha de consolidar suas extensas fôrças. Na noite de 14, de seu gabinete em Reims, Eisenhower telegrafou para Washington a respeito de seus planos futuros.

Embora pensasse ser "muito desejável arremeter sôbre Berlim, pois o inimigo pode agrupar fôrças em tôrno de sua capital e sua queda afetaria grandemente o moral do inimigo e o da nossa gente", essa operação, disse o Supremo Comandante, "deve receber baixa prioridade no tempo, a menos que se desenvolvam com rapidez imprevista operações para limpar nossos flancos."

Em resumo, o plano dêle era: 1) "manter uma frente firme na região central do Elba"; 2) iniciar operações sôbre Lübeck e a Dinamarca; 3) lançar uma "arremetida poderosa" para encontrar as tropas soviéticas no Vale de Danúbio e desmantelar o Reduto Nacional. "Como a investida contra Berlim tem de aguardar o resultado das primeiras três acima", disse Eisenhower, "não a incluo como parte do meu plano."

No ELBA, durante a noite tôda de 14, homens do Circo Maltrapilho e da 2.ª DB passaram pela ponte da 83.ª DI em Barby (uma segunda ponte fôra feita perto da primeira). Então, bem cedo na manhã de domingo, 15 de abril, o comandante do 8.º Exército, General Simpson, recebeu um chamado de Bradley. Simpson devia ir imediatamente de avião até ao Q. G. do 12.º Grupo de Exércitos em Wiesbaden. "Tenho algo muito importante para lhe contar", disse Bradley, "e não quero fazê-lo por telefone."

Bradley aguardava-o no aeropor-

to. "Apertamos as mãos", lembra Simpson, "e ali, naquele momento, êle me deu a novidade. Brad disse: 'Você tem de parar no Elba. Não deve avançar mais na direção de Berlim. Sinto muito, Simp, mas é assim.' "

—Onde diabos você arranhou essa idéia?—perguntou Simpson.

—Com Ike—respondeu Bradley.

Simpson ficou tão aturdido que não conseguia "lembrar-se nem de metade do que Bradley disse daí em diante. Tudo que lembro é que fiquei inconsolável e voltei para o avião meio estonteado. Eu só podia pensar em uma coisa: 'Como vou dizer isto ao meu estado-maior, a meus comandantes de corpos de Exército, a meus soldados? Acima de tudo, como vou dizê-lo aos meus soldados?'"

De seu Q. G., Simpson irradiou a notícia para seus comandantes de corpos de Exército; em seguida, partiu imediatamente para o Elba. O General Hinds encontrou-se com Simpson no Pôsto de Comando da 2.^a DB. "Êle me perguntou como eu ia", lembra Hinds.

—Acho que agora estamos bem, general—respondeu Hinds.—Nossa travessia em Barby vai indo bem.

—Ótimo—respondeu Simpson.—Conserve alguns de seus homens na

margem leste se quiser. Mas não deve ir mais adiante.—Olhou para Hinds.—Sid—falou—vão vamos passar daqui.

Hinds ficou abalado a ponto de insubordinar-se.

—Não, senhor—replicou prontamente.—Isso não está direito. Nós vamos para Berlim.

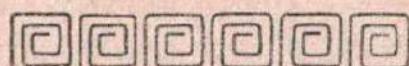
Simpson pareceu lutar para dominar suas emoções. Houve um momento de silêncio intranquilo. Aí Simpson falou numa voz inexpressiva:

—Não vamos para Berlim, Sid. Isto é o fim da guerra para nós.

Entre Barleben e Magdeburgo, onde elementos da 39.^a DI ainda avançavam para o rio, a notícia espalhou-se rapidamente. Havia grupos de homens gesticulando e falando zangados e exaltados. O soldado de 1.^a classe Alexander Korolevich, da 4.^a Companhia do 120.^o Regimento de Infantaria, não tomava parte na conversa. Êle não sabia se estava triste ou contente. Simplesmente sentou-se e chorou.

O próximo capítulo, que concluirá êste livro, revelará tôda a verdade sobre o suicídio de Hitler e pintará o quadro das horas finais da última batalha da Alemanha, que engolfou Berlim num holocausto de horror.

(Tradução do General Octavio Alves Velho)



VIVER e deixar viver não basta; viver e *ajudar* a viver não é demais.

—Orin E. Madison, citado em *Forbes*